

COLOCAR-SE À DISPOSIÇÃO DOS MOVIMENTOS POPULARES, NÃO SUPLANTÁ-LOS

MARTA HARNECKER

1. Temos dito em outro lugar que a política é a arte de construir a força social e política que permita mudar a correlação de forças, para fazer possível, no futuro, o que aparece como impossível no imediato. Mas, para conseguir construir força social é **necessário que as organizações políticas expressem um grande respeito pelo movimento popular; que contribuam ao seu desenvolvimento autônomo, deixando atrás toda tentativa de manipulação**. Devem partir da base de que elas não são as únicas que possuem idéias e propostas e que, pelo contrário, o movimento popular tem muito a oferecer, porque, na sua prática cotidiana de luta também vai aprendendo, descobrindo caminhos, encontrando respostas, inventando métodos, que podem ser muito enriquecedores.
2. Necessitam tirar da cabeça que somente elas geram idéias criadoras, novas, revolucionárias, transformadoras. E, por essa razão, seu papel não é somente fazer eco das reivindicações e demandas que vem dos movimentos sociais, mas que também devem estar dispostas a recolher idéias e conceitos que irão enriquecer seu próprio arsenal conceitual.
3. Tanto os dirigentes políticos como sociais **devem abandonar o método de chegar com esquemas pré-elaborados**. É preciso lutar para **eliminar todo verticalismo que anule a iniciativa das pessoas**. O papel dos dirigentes deve ser o de contribuir com suas idéias e experiências para fazer crescer e fortalecer o movimento popular e não suplantá-lo.
4. Sua função é empurrar o movimento de massas, ou melhor, mais do que empurrar, facilitar as condições para que este possa desprezar sua capacidade de se enfrentar contra quem os oprime e exploram. Mas **somente se pode empurrar se existe um trabalho de ombro a ombro** nas lutas locais, regionais, nacionais e internacionais do povo.
5. A relação das organizações políticas com os movimentos populares deveria ser um circuito em duas direções: da organização política para o movimento social e deste para a organização política. Infelizmente, ainda é comum que funcione apenas o primeiro sentido.
6. É necessário **aprender a escutar** e falar com as pessoas; é preciso colocar o **ouvido atento a todas as soluções que o próprio povo cria** para defender suas conquistas ou para lutar por suas reivindicações e, a partir de toda a informação que se recolha, devemos ser capazes de fazer um diagnóstico correto do seu estado de ânimo, e captar tudo aquilo que pode unir e gerar ação, combatendo o pensamento pessimista e derrotista que também existe.

7. Aonde seja possível, devemos **incorporar as bases ao processo de tomada de decisões**, quer dizer que é necessário abrir espaços à participação popular, mas **a participação popular não é algo que se possa decretar de cima para baixo**. Somente se o ponto de partida são as motivações das pessoas, somente se ajudamos a que elas mesmas descubram a necessidade de realizar determinadas tarefas, somente se ganhamos a sua consciência e o seu coração, estas pessoas estarão dispostas a se comprometer plenamente com as ações que empreendam.

8. Somente então, as orientações lançadas não serão sentidas como ordens externas ao movimento e permitirão construir um processo organizativo capaz de alcançar, se não a todo o povo, pelo menos a uma parte importante dele a se incorporar à luta e, a partir daí, se poderá ir ganhando os setores mais atrasados, mais pessimistas. Quando estes últimos setores sintam que os objetivos pelos quais se luta **não somente são necessários, mas que é possível consegui-los** —como dizia o Che —, se unirão à luta.

9. Quando as pessoas comprovem que são suas idéias, suas iniciativas, as que estão sendo implementadas, **se sentirão protagonistas dos fatos, e a sua capacidade de luta crescerá enormemente**.

10. Do mencionado até aqui, se deduz que os quadros políticos e sociais que necessitamos para cumprir estas tarefas **não podem ser quadros com mentalidade militar** —hoje não se trata de conduzir um exército, o que não quer dizer que, em algumas conjunturas críticas, se possa e deva fazer um giro neste sentido —, **nem tampouco demagogos populistas** —porque não se trata de conduzir um rebanho de ovelhas —; os quadros políticos **devem ser fundamentalmente** —como já dizíamos - **pedagogos populares**, capazes de valorizar as idéias e iniciativas que surgem no próprio movimento popular.

11. Por desgraça, muitos dos atuais dirigentes foram educados na escola de conduzir as massas por meio de ordens e isto não é fácil de mudar de um dia para outro. Por isso, não quero criar uma sensação de excessivo otimismo. A correta relação dos dirigentes com as bases está longe de estar resolvida. ◀

BIBLIOGRAFIA DE MARTA HARNECKER SOBRE O TEMA:

— La izquierda después de Seattle, Siglo XXI España, 2002.

—La izquierda en el umbral del Siglo XXI. Haciendo posible lo imposible, Publicado en: México, Siglo XXI Editores, 1999; España, Siglo XXI Editores, 1ª ed., 1999, 2ª ed., 2000 y 3ª ed., 2000; Cuba, Editorial de Ciencias Sociales, 2000; Portugal, Campo das Letras Editores, 2000; Brasil, Paz e Terra, 2000; Italia, Sperling and Küpfer Editori, 2001; Canadá (francés), Lantôt Éditeur, 2001; El Salvador, Instituto de Ciencias Políticas y Administrativas Farabundo Martí, 2001.

—Hacia el Siglo XXI, La izquierda se renueva, Quito, Ecuador, CEESAL, 1991

—Vanguardia y crisis actual o Izquierda y crisis actual, Siglo XXI España, 1990. Publicado en: Argentina, Ediciones de Gente Sur, 1990; Uruguay, TAE Editorial, 1990; Chile, Brecha, 1990; Nicaragua, Barricada, 1990. Con el título **Izquierda y crisis actual**: México, Siglo XXI Editores, 1990; Perú, Ediciones Amauta, 1990; Venezuela, Abre Brecha, 1990; Dinamarca, Solidaritet, 1992.